

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE NO CAMPO DA SAÚDE: QUESTÕES PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

RELIGION AND SPIRITUALITY IN THE FIELD OF HEALTH: QUESTIONS
FOR THE HIGHER EDUCATION

*Adriano Furtado Holanda**

*Karine Costa Lima Pereira***

RESUMO

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade religiosa e liberdade de culto. Diante de uma população bastante religiosa, conquanto, religião e espiritualidade são assuntos pouco explorados em cursos de formação superior ligados à área da saúde. Buscou-se no presente texto apresentar um panorama descritivo das características e problemáticas identificadas na atualidade sobre a inserção do eixo religião, espiritualidade e saúde na formação acadêmica de profissionais e estudantes do campo da saúde. Foi realizada uma revisão narrativa com base em estudos empíricos, teóricos e revisões sistemáticas recentes. A literatura investigada é composta por artigos de revistas científicas nacionais da área da saúde, teses, dissertações, capítulos de livros e publicações internacionais. Observou-se um evidente distanciamento entre a pesquisa contemporânea, sobre religião e os processos de saúde-doença, e sua tradução e aplicação na formação e atuação clínica de profissionais da saúde. Os estudos demonstram uma inserção limitada do tema nos currículos dos cursos de graduação, com maior participação das instituições de ensino superior confessionais. Profissionais e estudantes parecem reconhecer a importância desta dimensão para saúde e o desejo de seus pacientes em falar sobre esse assunto, mas assumem não se sentir preparados ou não ter tido formação para realizar essa abordagem.

* Doutor em Psicologia, Professor do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: aholanda@yahoo.com.

** Doutoranda em Teologia pela PUC-PR. Mestre em Psicologia Clínica pela UFPR. Graduada em Psicologia pela mesma instituição e em Teologia pela UniCesumar. E-mail: karine_costalimapereira@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Ensino Superior; Religião e Saúde; Profissionais da Saúde; Educação.

ABSTRACT

Brazil is a country known for both its religious diversity and freedom of cult. Despite its very religious population, religion and spirituality are themes not much explored in higher education courses related to the field of health. The present text attempts to present a descriptive overview of the characteristics and problematics identified in the present about the insertion of the themes of religion, spirituality and health in the academic formation of professionals and students in the field of health. This work carried out a narrative review based in empirical and theoretical studies as well as recent systematic reviews. The literature under investigation is composed of articles from national scientific journals in the field of health, thesis, dissertations, book chapters and international publications. It was possible to observe an evident distance between contemporary research concerning religion and the processes of health-disease, and both its translation and application in the clinical education and practice of health professionals. The studies demonstrate to exist a limited insertion of the theme in the curricula of undergraduate courses, with more participation of confessional institutions of higher education. Professionals and students seem to recognize the importance of this dimension for patients' health and desire to talk about this subject, but they assume not to feel ready or not to have been educated to carry out such an approach.

Keywords: Higher Education; Religion and Health; Health Professionals; Education.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos, a literatura científica na área da saúde tem recebido uma profusão de estudos sobre o eixo religião, espiritualidade e saúde (CURCIO; MOREIRA-ALMEIDA, 2019, p. 281; ESPERANDIO *et al.*, 2019, p. 268; KOENIG, 2009, p. 283). Uma consulta na base de dados Scopus, por *abstract*, título e palavras-chave, com os descritores “*health*”, “*spirituality*” e “*religion*”, resulta em mais de 6000 artigos somente depois da virada do milênio (www.scopus.com). Os estudos nesse campo se originam de diferentes países, abrangem pesquisas com diversas etnias, grupos etários e populações clínicas, e derivam especialmente da medicina, enfermagem e psicologia, mas também da fisioterapia, terapia ocupacional, assistência social, saúde pública, entre outras (ESPERANDIO; AUGUST, 2017, p. 49; KOENIG, 2012, p. 1; MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016, p. 54).

Em desacordo com enunciados difundidos no final do século XIX, que atribuíam à experiência religiosa condições patológicas, a pesquisa contemporânea reporta uma relação positiva entre a espiritualidade/religiosidade (E/R) e a saúde física, mental e

comportamental (KOENIG, 2012, p. 3). Crenças e práticas espirituais/religiosas aparecem associadas a melhores índices de qualidade de vida e bem-estar psicológico, ao enfrentamento positivo em contextos de dor e sofrimento, menores taxas de depressão, estresse, ansiedade, suicídio, etc. Na saúde física e comportamental, a influência da E/R associada à saúde mental indica maior sobrevivência, menor prevalência de doenças, melhor enfrentamento, maior preocupação com a própria saúde e percepção de apoio social.

As evidências científicas também apontam, embora em menor número, influências negativas da E/R na relação saúde-doença como maior ansiedade, sofrimento psíquico, depressão e ideação suicida associada ao enfrentamento religioso negativo, experiências negativas com grupos ou líderes religiosos que podem agravar sentimentos de rejeição e marginalização, conflito com tratamentos e terapêuticas, demora na busca por tratamento, etc. (HEFTI, 2019, p. 310).

A partir desses achados, organizações profissionais internacionais como as Associações Americanas de Psicologia, Enfermagem, Medicina e a Associação Mundial de Psiquiatria têm incluído em seus protocolos diretrizes específicas sobre a E/R, com o objetivo de orientar os profissionais sobre a importância desta dimensão para os cuidados em saúde e o dever de integrá-la na prática clínica (MOREIRA-ALMEIDA; KOENIG; LUCCHETTI, 2014, p. 176), movimento igualmente presente no Brasil (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2016, p. 87).

Apesar do evidente crescimento no interesse científico pela dimensão espiritual/religiosa, a tradução e aplicação destes conhecimentos na formação e prática profissional em saúde têm sido admitidas como um desafio (FREITAS, 2014, p. 98; KOENIG, 2012, p. 13). Uma revisão da produção de periódicos brasileiros sobre o uso do enfrentamento espiritual/religioso em processos de saúde-doença encontrou 39 publicações associadas a profissionais e/ou estudantes da área da saúde, sendo a segunda categoria temática com mais artigos publicados depois de saúde mental (CORRÊA; BATISTA; HOLANDA, 2017, p. 66). Diferentes iniciativas no sentido de compreender essa interface podem ser analisadas na literatura científica brasileira e internacional. Interação médico-paciente, cuidado espiritual e família, elaboração de diretrizes e competências específicas, E/R do profissional da saúde e iniciativas de

implementação e avaliação de intervenções no contexto da formação acadêmica, são exemplos (DEZORZI, 2016, p. 18; REGINATO; BENEDETTO; GALLIAN, 2016, p. 237).

Diante disto, buscou-se no presente texto, apresentar uma revisão narrativa, traçando um panorama descritivo das características e problemáticas identificadas na atualidade sobre a inserção do eixo religião, espiritualidade e saúde na formação acadêmica de profissionais e estudantes do campo da Saúde. Para tanto, foi realizada uma seleção de estudos empíricos, teóricos e revisões sistemáticas recentes, datadas preferencialmente nos últimos 10 anos, a partir da literatura prévia conhecida, das referências indicadas nesses estudos e da busca em bases de dados indexadas. A literatura investigada é composta principalmente por artigos publicados em revistas científicas nacionais da área da Saúde, além de teses, dissertações, capítulos de livros e publicações internacionais. O trabalho não propõe uma revisão exaustiva sobre o tópico, mas uma exposição sumarizada de achados recentes e especificidades do tema em questão.

O texto está organizado em quatro partes. A primeira elenca dados de pesquisas com profissionais da saúde sobre práticas clínicas e a E/R do paciente. A segunda apresenta estudos sobre a formação curricular em religião e espiritualidade nos cursos de medicina, psicologia e enfermagem. A terceira apresenta pesquisas com estudantes da área da saúde sobre a formação científica/profissional e o estudo da E/R; e a quarta elenca os principais resultados identificados na literatura revisada e discute as barreiras, avanços e iniciativas observadas no campo.

2 P R O F I S S I O N A I S D A S A Ú D E E O C U I D A D O E M E S P I R I T U A L I D A D E / R E L I G I O S I D A D E

Estudos recentes sobre E/R e a atuação de profissionais da saúde indicam uma emergente preocupação com a dimensão espiritual/religiosa dos pacientes e familiares, que ofereça um atendimento humanizado e integral, alinhado com as evidências científicas sobre a relação desta dimensão com os processos de saúde-doença (ABDALA *et al.*, 2017, p. 154; BALLARIN *et al.*, 2016, p. 135; DEZORZI, 2016, p. 18; ESPERANDIO, 2014, p. 805; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2014, p. 176;

NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 52). Tais investigações se originam de diversas áreas do conhecimento; compreendem um grande número de profissões envolvidas (técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde, assistentes sociais, dentistas, nutricionistas, arte terapeutas, capelães, farmacêuticos, residentes, técnicos administrativos, etc.) e contextos de aplicação clínica (saúde física e mental, psicoterapia, cuidados paliativos, pediatria, oncologia, unidades intensivas de tratamento, etc.).

Em grupo focal com profissionais de diversas áreas de atuação em saúde hospitalar, Alves, Junges e Lopez (2010, p. 432), identificaram que os participantes percebem que os pacientes buscam em suas crenças alívio para dor e sofrimento e acreditam que a fé e a vida comunitária influenciam no processo saúde-doença, podendo, inclusive ser benéfica para pessoas socialmente fragilizadas. Por outra via, também acreditam que há experiências que podem ser negativas: pelo fanatismo, por contribuir com sentimentos de culpa e condenação, e por dificultar a busca ou aderência aos tratamentos. No contexto da prática, os profissionais demonstram ambiguidade no discurso, dado que não consideram apropriado integrar ou usar como recurso a dimensão espiritual na terapêutica, limitando a ação ao respeito e a imparcialidade que se caracteriza na escuta e no cuidado de não expor as próprias crenças aos pacientes.

Em estudo com profissionais da oncologia (N=11), Espíndula, Valle e Ales Bello (2010, p. 5), identificam a noção de religião como algo inerente ao ser humano e a perspectiva pragmática de que os pacientes com câncer devem vivenciar a fé pessoal com prudência e de acordo com a realidade da doença e das limitações da medicina nesse campo. Sob outra perspectiva, o estudo identifica que todos os profissionais possuem uma vivência espiritual/religiosa, acreditam na proteção divina e reconhecem que essa dimensão pode oferecer sustento e conforto para os pacientes e para a família. Os participantes também relatam fazer uso da religião pessoal para buscar apoio, proteção e conforto no trabalho, especialmente por atuarem na oncologia.

Também sobre a E/R dos profissionais, Corrêa, Holanda e Olandoski (2017, p. 22), identificaram uso elevado de estratégias de enfrentamento religioso/espiritual positivo

por profissionais de serviços de saúde mental (N=27), sobretudo em situações de estresse no contexto familiar e no trabalho. As estratégias mais utilizadas referem-se a uma posição pessoal positiva frente a Deus, que assume a busca por apoio e conexão com o divino para lidar com problemas; e comportamentos de oferta de ajuda ao outro, dimensão que se harmoniza com o fazer profissional dos participantes.

Outro estudo, de base quantitativa, realizado com 174 profissionais da saúde de órgãos públicos encontrou que a maioria declara afiliação religiosa e/ou crença em Deus, com baixa representação de ateus (1,7%); que a E/R contribui na promoção da saúde (87,7%) e discordam que questões religiosas possam levar a problemas de saúde (61%) ou que interfiram negativamente no tratamento (70,2%). A maioria avalia como importante que profissionais da área compreendam melhor a relação entre saúde e espiritualidade (91,2%) e que reconheçam as necessidades espirituais dos pacientes (80,7%) (MARQUES *et al.*, 2015, p. 202).

Estudos de base qualitativa realizados com psicólogos e psiquiatras brasileiros que atuam como clínicos ou em serviços de atenção a saúde mental (FREITAS, 2012, p. 212; HENNING-GERONASSO; MORÉ, 2015, p. 716; OLIVEIRA; JUNGES, 2012, p. 470) mostram que a maioria qualifica a E/R como um fenômeno importante e presente nas experiências de pacientes.

Essa dimensão pode ser avaliada como parte da integralidade humana, importante para o bem-estar e saúde mental, mas também como opressora, relacionada a patologias e a problemas que interferem na expressão de liberdade e promoção da saúde. Os profissionais se autoavaliam como respeitosos e imparciais quanto à religião e experiências espirituais/religiosas de seus pacientes, mas assumem a complexidade e desafios do tema na profissão. Buscam distinguir experiências religiosas genuínas daquelas que geram sofrimento; trabalhar a autenticidade, criticidade e flexibilização dos pacientes na forma como lidam com suas crenças e experiências, podendo, inclusive, utilizá-las como estratégia terapêutica. As pesquisas evidenciam uma abordagem da experiência religiosa fundamentada em conceitos e teorias psicológicas frente a uma cautela, que nega qualquer tipo de proselitismo e assegura a aceitação das crenças/religião do paciente.

Em pesquisa realizada com enfermeiros (N=30) que atuam em unidades de atendimento intensivo e oncológico, Pedrão e Beresin (2010, p. 88), identificaram que 80% praticam alguma religião, sendo a maioria de católico (60%). Os profissionais consideram ser importante oferecer assistência espiritual ao paciente (83%), especialmente por proporcionar bem-estar e conforto. Todavia, afirmam não ter formação profissional em suas graduações para prestar esse tipo de assistência (67%), nem durante cursos de pós-graduação (93%) ou em outros cursos (87%).

Outro estudo realizado com enfermeiras (N=13) de um serviço público de saúde identificou que a maioria declara (N=12) pertencer a uma religião e acreditar que sua visão religiosa influencia na percepção e comportamento pessoal na profissão (CORTEZ; TEIXEIRA, 2010, p. 116). As participantes declaram respeitar os valores e religião de seus pacientes, contudo, revelam em seus discursos, posições e intervenções contraditórias quando a escolha ou comportamento desses diverge do conhecimento e racionalidade científica do fazer em saúde. As expressões e demandas espirituais/religiosas podem ser atendidas desde que não comprometam o trabalho em enfermagem, o saber científico e os protocolos da instituição; bem como fica condicionada à disponibilidade de tempo, dada à alta demanda no serviço público.

Salgado, Rocha e Conti (2007, p. 225), entrevistaram 10 enfermeiros, que atuam em um hospital universitário, sendo a maioria adepta de uma religião (N=9). Todos relataram dificuldades em abordar questões relacionadas a E/R, ainda que alguns atuem há cerca de 30 anos. A insegurança e as dificuldades observadas se referem ao contato com os pacientes, mas também com a própria equipe de saúde. As razões apontadas são o medo de serem mal interpretados pelos outros profissionais da saúde; receio de agredir a intimidade dos pacientes ou serem rejeitados; não saber lidar com pacientes ateus e por entrarem em choque com as crenças dos pacientes em geral.

A quase totalidade dos estudos sobre a interação profissionais de saúde e E/R dos pacientes ora explorados apresentam a relação do tema com a formação acadêmica e profissional em saúde. Os estudos problematizam a ausência e até mesmo o silenciamento a respeito do tema nas respectivas formações ou graduações e a

necessidade de aprofundar o assunto e instrumentalizar o futuro profissional para uma prática mais integrativa, humanizada e baseada em evidências científicas.

3 FORMAÇÃO CIENTÍFICA E PREPARO PROFISSIONAL EM SAÚDE, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

A discussão sobre a inserção do tema religião e E/R na educação superior em áreas da saúde está presente na literatura sobre a formação de médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, farmacêuticos, entre outros (BALLARIN *et al.*, 2016, p. 135; CALDEIRA *et al.*, 2016, p. 1; JACOB; SHOGBON, 2017, p. 1).

A maioria das escolas médicas britânicas (57%) e norte-americanas (66,6%) oferece em seus cursos conteúdos sobre esse tópico; no Brasil, contudo, poucas instituições abordam o tema em seus currículos. De acordo com o estudo de Lucchetti *et al.* (2012, p. 3) apenas 10,4% das escolas médicas brasileiras (N=86) oferecem disciplinas exclusivas sobre o assunto e 40,5% indicam abordar o tema em cursos, palestras, conferências ou disciplinas que tangenciam questões sobre religião. As disciplinas obrigatórias (4,6%) são oferecidas por instituições de confissão católica ou protestante e tendem a explorar questões teológicas relacionadas à cultura e a religião; já as eletivas (5,8%) são oferecidas por instituições públicas e abordam a interface entre espiritualidade e saúde de modo mais amplo. Dentre essas, apenas duas disciplinas incluem treinamento prático sobre como integrar a espiritualidade na assistência ao paciente e apenas três ensinam como conduzir uma anamnese ou história espiritual.

Sobre a formação de psicólogos, estudo similar desenvolvido nos EUA (N=89) indica que apenas uma parcela das instituições (24,7%, N=22) oferece cursos regulares sobre religião e espiritualidade, dos quais, uma fração mínima (N=6) representa conteúdos obrigatórios para formação (SCHAFER *et al.*, 2011, p. 235). Em resposta ao estudo, os diretores dessas escolas indicam que o assunto seja provavelmente abordado no contexto das supervisões (84,3%) e especialmente em disciplinas sobre Diversidade Cultural, Ética Profissional e Psicoterapia. Ainda no contexto estadunidense, em revisão sistemática, Jafari (2016, p. 260) observa uma integração incipiente de conteúdos sobre religião e espiritualidade nos campos da formação didática, pesquisa e supervisão em psicologia, apresentando-se como uma temática

abordada de forma indireta ou como reação a problemas que surgem no contato clínico dos estagiários com seus clientes.

No contexto brasileiro, menos de um quarto cursos de formação em psicologia abordam o assunto em seus currículos (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019, p. 42; PIASSON, 2017, p. 43). Assim como na formação de médicos, nos cursos de psicologia investigados (N=301) por Costa et al. (2010, p. 327), as disciplinas de cunho obrigatório tendem a ser ofertadas por Instituições de Ensino Superior (IES) privadas confessionais (71,4% para N=49), e as de base eletiva, por IES públicas (13% para N=46). Dentre as instituições privadas sem vínculo religioso, que representam mais de 80% dos cursos no país (N=206), apenas 3,4% (N=7) incluem o tema em seus currículos.

Piasson (2017, p. 43) investigou 253 grades curriculares de 143 universidades, e não encontrou nos currículos de IES privadas com fins lucrativos (N=20), a oferta de disciplinas específicas sobre o senso religioso. Ao todo, a pesquisa identificou apenas quatro disciplinas que aliam teoria e prática; e no geral, maior representatividade da Psicologia (42,3%), Antropologia (23%) e Teologia (19,2%) como áreas do conhecimento que balizam os conteúdos estudados nessas disciplinas.

Na Enfermagem, pesquisa realizada com docentes de Portugal (N=80) e do estado de São Paulo (N=49), encontrou que 36% deles afirmam não incluir o assunto espiritualidade em seus cursos e 54,6% o fazem “às vezes”, ainda que 93,8% considerem importante ou muito importante sua inclusão nos currículos (CALDEIRA *et al.*, 2016, p. 4). Os docentes acreditam que a E/R seja abordada em disciplinas de fundamentos, como História da Enfermagem, Epistemologia e Ética Profissional; que estudam contextos específicos, como cuidados paliativos e saúde mental; e em unidades transversais, como Terapias Complementares, Morte, Família e Sociedade.

Na área da medicina, em estudo similar realizado com 53 professores, Mariotti et al. (2011, p. 339) encontrou que 90,4% acreditam em Deus e 31,7% frequentam atividades religiosas pelo menos uma vez por semana. A maioria deseja abordar a E/R com seus pacientes (62,3%) e acredita que a fé ou a espiritualidade podem trazer influências positivas para o tratamento (72%), assim como a oração (75,5%). Metade dos professores considera importante preparar os estudantes para lidar com essas

questões; 43,4% respondem se sentir preparados para abordar o tema e apenas 27,8% já haviam mencionado essas questões em aulas. Dificuldades apontadas foram falta de tempo, conhecimento e treinamento, não se sentir confortável com o tema e medo.

4 ESTUDANTES, SAÚDE E ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE: CONHECIMENTO E FORMAÇÃO

Tomasso, Beltrame e Lucchetti (2011, p. 3) em investigação com docentes (N=30) e discentes (N=118) de um curso de enfermagem identificaram que a grande maioria possui filiação religiosa e altos índices de religiosidade intrínseca (envolvimento religioso vivenciado de forma plena). Cerca de 90% dos participantes acredita que a espiritualidade influencia a saúde dos pacientes, e cerca de 50%, que a espiritualidade do enfermeiro interfere no próprio atendimento. O estudo encontrou que alunos de semestres mais avançados se sentem mais preparados para abordar a espiritualidade dos pacientes, tendo opiniões mais próximas de seus professores, embora, poucos tenham respondido já ter realizado essa abordagem em seus atendimentos. Professores e estudantes consideram a formação em enfermagem insuficiente nesse aspecto e que o estudo da espiritualidade deveria fazer parte do currículo.

Diferentes estudos realizados com estudantes de enfermagem indicam que a maioria declara pertencimento religioso, com baixa representatividade de indivíduos sem religião (Espinha et al., 2013, p. 100; Maftum; Souza; Bais, 2008, p. 3; Penha; Silva, 2007, p. 241). Os achados indicam que os universitários frequentam atividades religiosas, realizam práticas individuais relacionadas (como reza e leitura de textos religiosos), possuem altos níveis de religiosidade intrínseca e acreditam em Deus. Conceituam a espiritualidade principalmente como “crença e relação com Deus/religiosidade” seguida por “busca de sentido e significado para vida humana”.

Os participantes desses estudos admitem a importância da espiritualidade para o humano, sua emergência em momentos de dor e sofrimento, sendo a pessoa do enfermeiro um facilitador para o paciente poder se religar a suas crenças. Acreditam que cabe à enfermagem o atendimento da dimensão espiritual dos pacientes, por auxiliar no enfrentamento da doença, na recuperação e por proporcionar uma atenção

integral. O fazer aparece como escuta, acolhimento, e interação com as experiências e necessidades espirituais/religiosas dos pacientes, todavia, poucos perceberam esse tipo de atenção dada por outros profissionais, abordaram essa dimensão com seus pacientes ou prestaram atendimento espiritual em suas experiências de estágio.

Nesse grupo, os futuros enfermeiros se autoavaliam pouco ou moderadamente preparados para essa prática e sentem-se desencorajados a discutir religião e espiritualidade com seus pacientes, dando como motivos: falta de conhecimento e de treinamento, medo de ofender ou impor pontos de vista, por desconforto com o tema e falta de tempo. Avaliam a formação oferecida pela graduação como insuficiente e relatam baixa participação em atividades acadêmicas sobre o assunto. Poucos afirmam buscar esse conhecimento na literatura científica, e sim em ensinamentos de sua própria religião. Os estudantes abordam a dimensão espiritual como psicológica, pois, ainda que assumam sua distinção, reconhecem que não sabem lidar ou não se sentem preparados para intervir por não terem formação nesse tipo de cuidado.

No contexto da formação médica, um estudo com estudantes (N=210) identificou que 73,9% possuem uma religião; 21,2% frequentam serviços religiosos pelo menos uma vez por semana; 38,8% praticam atividades religiosas individuais diariamente; e apresentam índices altos de religiosidade intrínseca (Borges et al., 2013, p. 8). A maioria conceitua a espiritualidade como a “crença em algo transcendente à matéria” (46,15%); “crença e relação com Deus/religiosidade” (44,71%) e como “a busca de sentido e significado para a vida humana” (43,27%). Os estudantes associam o tema saúde e espiritualidade com a humanização da medicina, com qualidade de vida e saúde total e holística. Os achados indicam que a religiosidade pessoal do aluno pode influenciar nos conceitos que atribuem a espiritualidade e sua relação com a saúde, indicando falta de clareza e desconhecimento da literatura sobre o tema.

Em estudo multicêntrico realizado com 3630 estudantes de medicina de 12 IES no Brasil, Lucchetti et al. (2013, p. 3) encontraram que 66% professam uma religião e 25,6% não possuem, mas acreditam em Deus. Os universitários participam menos de uma vez por semana de serviços religiosos (81,8%); praticam atividades religiosas privadas mais que uma vez por semana (55,8%); acreditam na vida após a morte (66,8%) e que o corpo humano possui uma alma (78,9%). Os participantes definem o

conceito de espiritualidade como “crença e relação com Deus/religiosidade” (38,8%) e como “a busca de sentido e significado para a vida humana” (38%); acreditam que essa dimensão influencia muito a saúde dos pacientes (71,2%), sendo essa uma influência positiva (68,2%) ou positiva e negativa (25,4%) e se dividem em querer abordar (58%) ou não (42%) essa dimensão. Consideram apropriado orar com o paciente caso ele peça (62,7%), recomendariam a oração (67,7%) e a leitura da bíblia (31,5%).

Os universitários respondem se sentir pouco ou nada preparados para fazer essa abordagem (89,5%) e apontam como principais barreiras o medo de impor suas próprias crenças religiosas (47,5%), medo de ofender os pacientes (35,8%), falta de conhecimento (34,7%), falta de treinamento (30,8%) e falta de tempo (27,9%). No campo da formação, a maioria relatou nunca ter recebido treinamento sobre o eixo espiritualidade-saúde no curso (81%) e apenas 19% tinha participado de atividades sobre o tema. Questionados sobre como buscam conhecimentos sobre espiritualidade e saúde, 42,5% responderam não procurar esses conhecimentos, 31,4% buscam em sua própria religião, 21,5% em livros sobre o tema e apenas 9,1% em artigos científicos.

No campo da psicologia, os estudos igualmente indicam um perfil de estudantes que declaram pertencimento religioso, frequentam moderadamente serviços religiosos, têm interesse pelo tema da espiritualidade e em discuti-lo durante a formação (Aquino, 2005, p. 60; Costa et al., 2008, p. 251; Freitas, 2002, p. 113; PEREIRA, 2018, p. 92; Pereira; Holanda, 2016, p. 396; Vieira; Zanini; Amorim, 2013, p. 145).

Os resultados mostram que esses universitários encontram dificuldades no decorrer da formação para pensar e relacionar suas crenças pessoais com a ciência psicológica; experimentam conflitos tanto na esfera pessoal quanto na profissional, no pensar uma prática ética nesse sentido; e consideram que a formação em psicologia pode provocar o abandono das crenças espirituais/religiosas. Os graduandos indicam interesse pelo assunto por reconhecerem a relevância desta experiência na formação humana e pela presença dessas questões já nos primeiros atendimentos clínicos, mas se queixam da falta de abertura para discutir o tema nas aulas e no ambiente

acadêmico; do posicionamento negativo e impróprio de alguns docentes quando abordam o assunto; e da recorrente patologização dessa dimensão humana no curso.

5 ESPIRITUALIDADE NO CAMPO PROFISSIONAL DA SAÚDE: OBSTÁCULOS E PERSPECTIVAS

Pesquisadores do eixo religião, espiritualidade e saúde parecem consentir que existe uma deficiência na formação e treinamento técnico-científico dos profissionais da saúde. Os problemas ou justificativas para este distanciamento ainda se exemplificam em questões como o exercício de racionalização da ciência e sua suposta superioridade, a esquiva de problemas metafísicos e a territorialidade do saber científico e da técnica na academia e nos espaços de cuidado em saúde.

Conforme apresentado na literatura investigada, há uma clara dissonância entre a importância sobre conhecimento e intervenção clínica em E/R e a efetiva inserção do tema na formação e prática profissional. Tal dissonância parece logo se evidenciar na expressão própria da cultura brasileira, quando a maioria dos profissionais, docentes e estudantes investigados assumem uma experiência pessoal religiosa.

Em síntese, os estudos apontam que os conceitos de religião e espiritualidade são pouco claros para os estudantes, o que pode inviabilizar uma abertura ética e consciente sobre o sentido desta experiência no trato com seus futuros pacientes. Os profissionais reconhecem a relação entre E/R e saúde e o desejo de seus pacientes em falar sobre esse assunto, mas assumem não se sentir preparados ou não ter tido formação para realizar essa abordagem. Tanto docentes quanto profissionais e estudantes apontam como principais dificuldades a falta de conhecimento, de treinamento, de tempo e o medo de impor as próprias crenças. A prática clínica neste contexto se pauta na escuta e no esforço da imparcialidade, embora muitos revelem buscar conhecimentos em suas próprias religiões e raramente na literatura científica.

No âmbito da formação, as pesquisas demonstram uma inserção ainda limitada do tema nos currículos, com maior participação das instituições confessionais, configurando uma inserção de conteúdos mais voltados à cultura religiosa e de base teológica. Embora se admita essa característica como um traço positivo e fecundo na formação ofertada por essas instituições, tais achados demonstram um alheamento

ainda maior da pesquisa contemporânea sobre a experiência espiritual/religiosa e sua relação com a saúde nos cursos de graduação da área como um todo.

Como demonstrado em alguns dos estudos investigados, a abordagem desse assunto tem sido delegada a disciplinas circulares, supervisões clínicas e a eventuais palestras e eventos científicos. Devidamente, uma inserção séria e crítica no contexto das disciplinas que geralmente tangenciam o tema tem o potencial de ampliar o conhecimento e a reflexão, caso estejam submetidas à literatura atualizada e não apenas ao interesse e posicionamento teórico e pessoal daqueles que a lecionam.

De forma ampla, tem-se identificado como principais barreiras: (a) A discrepância entre a percepção dos profissionais da saúde sobre a importância da experiência espiritual/religiosa de seus pacientes e a falta de treinamento para lidar com essas questões na prática clínica (FREITAS, 2014, p. 94; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2014, p. 176); (b) O desconhecimento de profissionais e estudantes a respeito das evidências científicas sobre a associação entre E/R, saúde física e saúde mental (ABDALA *et al.*, 2017, p. 161; LUCCHETTI *et al.*, 2013, p. 3; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2014, p. 176); (c) A ausência de metodologias claras e institucionalmente organizadas nos serviços de saúde que ofereçam um atendimento integral aos usuários (FREITAS, 2014, p. 98); (d) Uma lacuna entre o perfil de E/R, atitudes e demandas dos estudantes e a formação que estão recebendo (CALDEIRA *et al.*, 2016, p. 4; LUCCHETTI *et al.*, 2013, p. 3; PEREIRA, 2018, p. 124; PEREIRA; HOLANDA, 2016, p. 396); e, (e) A ausência de programas ou diretrizes de ensino que viabilizem uma formação teórica e prática no campo da religião e da E/R (ESPINHA *et al.*, 2013, p. 100; VIETEN *et al.*, 2013, p. 129).

Neste cenário, ainda reverberam também como obstáculos antigos a necessidade de revisão dos paradigmas que regem, em geral, as disciplinas médicas e da área da saúde que, pautadas em padrões mecanicistas, regulatórios e biomédicos, se afastam da cultura e do espírito humano (FREITAS, 2014, p. 99; NOÉ, 2016, p. 155). Igualmente se aplicam a essa problemática a influência de autores e filosofias materialistas e positivistas, que descartam ou patologizam a experiência religiosa; a noção histórica de um conflito entre ciência e religião; e uma rivalidade subsequente à última, dado que na modernidade tais disciplinas passam a concorrer com a teologia

pela instituição da alma e pelo cuidado do corpo e do espírito (NOÉ, 2016, p. 158; NUMBERS, 2009, p. 250).

Apesar dos obstáculos, diferentes iniciativas têm sido realizadas em prol de avanços no campo da formação superior e da pesquisa em religião e espiritualidade no país. O Brasil tem se destacado como um dos países com mais publicações sobre a temática em medicina, enfermagem e psicologia, atrás apenas dos EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália (MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016, p. 56). Destacam-se a participação de universidades públicas e privadas confessionais de diferentes regiões do país, seus respectivos programas de pós-graduação, e uma ampla rede de pesquisadores e grupos de trabalho e pesquisa (ESPERANDIO; MARQUES, 2015, p. 258; MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016, p. 56; PAIVA, 2017, p. 35).

Na prática clínica e educação profissional, iniciativas com o objetivo de estabelecer diretrizes e instrumentalizar novas práticas relacionadas ao eixo igualmente se destacam como avanços importantes no cenário brasileiro, como: a divulgação de instrumentos para investigação da história espiritual e orientações práticas para a avaliação e integração da E/R no tratamento de pacientes em saúde mental (LUCCHETTI; BASSI; LUCCHETTI, 2013, p. 159; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2014, p. 178); o uso de intervenção educativa, elaboração de materiais didáticos e a avaliação de competências em profissionais da saúde para atenção espiritual de pacientes/familiares em cuidados paliativos (DEZORZI, 2016, p. 18); e o aumento de estudos preocupados com a vivência pessoal de E/R de estudantes/profissionais no contexto da formação acadêmico-científica e do cotidiano profissional, com repercussões na saúde mental, qualidade de vida, bem-estar espiritual, cuidado de si e enfrentamento religioso desse grupo (CAVALHEIRO; FALCKE, 2014, p. 39; CORRÊA, HOLANDA; OLANDOSKI, 2017, p. 22; GONÇALVES *et al.*, 2016, p. 992; PENHA; SILVA, 2012, p. 262; PEREIRA, 2018, p. 92; PEREIRA; HOLANDA, 2016, p. 385; PEREIRA; HOLANDA, 2019, p. 221; ZANETTI *et al.*, 2018, p. 65).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo consistiu em apresentar e discutir estudos recentes sobre um tema emergente na literatura sobre o eixo religião, espiritualidade e saúde: a formação

superior e a prática profissional em saúde. O crescente interesse por investigações no âmbito desse eixo se deve em parte, pelas inúmeras evidências de que a espiritualidade está associada aos processos de saúde-doença, com desfechos positivos na saúde física, mental e comportamental. A problemática principal que norteou este artigo trata de um evidente distanciamento entre tais achados e a tradução e aplicação destes conhecimentos na formação e atuação clínica de profissionais da saúde, bem como na construção de perspectivas reflexivas e investigativas.

A revisão buscou estudos empíricos com profissionais e estudantes, que apresentassem uma análise descritiva das percepções, experiências e vivências pessoais desse grupo no contexto de suas práticas estudantis e profissionais. Avalia-se o esforço de síntese e sistematização dos resultados aqui empreendidos como potencial contribuição para discussão no campo. Essa conclusão se deve, primeiramente, à constatação de que reverberaram durante a leitura e análise de cada estudo, as perspectivas e problemas apontados sobre essa questão por vários estudiosos. Em segundo lugar, porque o que reverbera são os sentidos e experiências – sejam as subjetivas dos trabalhos qualitativos ou aquelas mais sintéticas e diretas dos grandes *surveys* – que fazem emergir as dificuldades comuns e os desafios humanos, profissionais e religiosos, dos envolvidos no cuidado em saúde. E em terceiro, a tessitura final do projeto, que resultou na identificação de elementos comuns que sumarizam os principais problemas, obstáculos e desafios recorrentes ao campo revisados nessa literatura.

Esta não é uma revisão integrativa, logo não representa o estado da arte, deixando em aberto a proposição de estudos desse tipo. Como sugestão de novos estudos recomendam-se pesquisas que explorem as percepções e experiências de professores da área da saúde, especialmente daqueles envolvidos nos processos de profissionalização como em estágios e residências clínicas; revisões de literatura e novas investigações de base qualitativa, que explorem contextos e características pertinentes a cada campo de formação e atuação; e investigações focadas na relação entre a experiência espiritual/religiosa de estudantes e profissionais e a forma como vivenciam e constituem suas práticas na formação acadêmica e atuação profissional.

Por fim, diante dos resultados discutidos no presente texto, assume-se como um problema e contrassenso tangível, os dados que demonstram que estudantes e profissionais raramente buscam a literatura científica para resolver questões relacionadas a religião e a espiritualidade. A mensagem que parece ser transmitida aqui, é que a religião é tão “outra coisa” no ambiente científico, que sua via racional e categórica acaba se tornando invisível. A incoerência desse problema inevitavelmente recai sobre o cientista (o profissional, o professor ou mesmo o estudante que se ocupa de alguma ciência para balizar seu saber e fazer), que sob uma premissa positivista, se vê obrigado a descartar tudo que é da ordem do religioso, imaterial ou mesmo popular e comum. O contrassenso, é que esse descarte não condiz em nada com os atributos da própria ciência, quando omite de seu objeto uma extensão natural do humano como a espiritualidade e empobrece a possibilidade desse saber. Nesta via, parece bastante razoável incluir entre as variáveis relacionadas ao “raramente buscar literatura científica”, o fato de que a maioria dos estudantes e profissionais desconheça sua existência, conquanto, tal conjuntura não desculpa ou exime a responsabilidade sobre esse saber dentro de uma perspectiva cara como a ética que cada um deve ter com sua ciência.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Gina Andrade et al. Religião, espiritualidade e a enfermagem. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social** [online], Uberaba, v. 5, n. 1, p. 154-164, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.18554/refacs.v5i0.2001>

ALVES, Joseane de Souza; JUNGES, José Roque; LÓPEZ, Laura Cecília. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 430-436, 2010. Retirado de https://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/430a436.pdf

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. Atitude religiosa e crença dos alunos de psicologia. **Revista UNIPÊ**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 56-63, 2005.

BALLARIN, Maria Luisa Gazabim Simões et al. Espiritualidade e saúde no contexto da Terapia Ocupacional. **Revista Ciências Médicas**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 135-144, 2016. Retirado de <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3777/2488>

BORGES, Diego Carter et al. Saúde, espiritualidade e religiosidade na visão dos estudantes de medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-11, 2013. Retirado de <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3380.pdf>

CALDEIRA, Sílvia et al. Spirituality in the Undergraduate Curricula of Nursing Schools in Portugal and São Paulo-Brazil. **Religions**, v. 7, n. 11, p. 1-9, 2016. doi: <https://doi.org/10.3390/rel7110134>

CAVALHEIRO, Carla Maria Frezza; FALCKE, Denise. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 35-44, 2014. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000100004>

CORRÊA, Cairu Vieira; BATISTA, Jeniffer Soley; HOLANDA, Adriano Furtado. Coping Religioso/Espiritual em processos de saúde e doença: revisão da produção em periódicos brasileiros (2000-2013). **PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-78, 2016. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/82>

CORRÊA, Cairu Vieira; HOLANDA, Adriano Furtado; OLANDOSKI, Guilherme Previdi. Coping Religioso/Espiritual em profissionais da Atenção à Saúde Mental do Litoral do Paraná. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 15-30, 2017. Retirado de <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/142/93>

CORTEZ, Elaine Antunez; TEIXEIRA, Enéas Rangel. O enfermeiro diante da religiosidade do cliente. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 114-119, 2010. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a20.pdf>

COSTA, Cristine Cardozo da; BASTIANI, Marcelo de; GEYER, Júlia Gaertner et al. Qualidade de vida e bem-estar espiritual em universitários de psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, 2008. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200007>

COSTA, Waldecília.; NOGUEIRA, Conceição; FREIRE, Teresa. The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need for reflection. **Journal of Religion and Health**, v. 49, n. 3, p. 322-332, 2010. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9255-9>

CURCIO, Cristiane Schumann Silva; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Investigação dos conceitos de religiosidade e espiritualidade em amostra clínica e não clínica em contexto brasileiro: uma análise qualitativa. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 281-292, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.65434>

DEZORZI, Luciana Winterkorn. **Espiritualidade na atenção a pacientes/famílias em cuidados paliativos e os processos de educação dos profissionais da saúde**. 2016. 142 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Medicina: Ciências Médicas, Faculdade de Medicina, Porto Alegre, 2016.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes et al. Envelhecimento e Espiritualidade: o Papel do Coping Espiritual/Religioso em Idosos Hospitalizados. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 268-280, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.65381>.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 805-832, 2014. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n35p805>

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; AUGUST, Hartmut. A pesquisa quantitativa em Psicologia da Religião no Brasil. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 49-67, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS03>

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; MARQUES, Luciana Fernandes. The Psychology of Religion in Brazil. **International Journal for the Psychology of Religion**, v. 25, n. 4, p. 255-271, 2015. doi: <https://doi.org/10.1080/10508619.2014.952189>

ESPÍNDULA, Joelma Ana; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do; ALES BELLO, Angela. Religião e espiritualidade: um olhar de profissionais de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 6, p. 1229-1236, 2010. Retirado de <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4279/5430>

ESPINHA, Daniele Corcioli Mendes et al. Opinião dos estudantes de enfermagem sobre saúde, espiritualidade e Religiosidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 98-106, 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000400013>

FREITAS, Marta Helena de. **Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach**. 2002. 277 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2002.

FREITAS, Marta Helena de. Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 6, n. 427, p. 89-105, 2014. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.001.DS05>

FREITAS, Marta Helena de. Religiosidade na experiência de atuação Psi: sintoma ou saúde? In: FREITAS, Marta Helena de; PAIVA, Geraldo José de (Org.). **Religiosidade e cultura contemporânea: desafios para psicologia**. Brasília: Universa, 2012. p.191-229.

GONÇALVES, Lídia Maria et al. Learning from Listening: Helping Healthcare Students to Understand Spiritual Assessment in Clinical Practice. **Journal of Religion and Health**, v. 55, n. 3, p. 986-999, 2016. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0146-y>

HEFTI, René. Integrando Espiritualidade no Cuidado com a Saúde Mental, Psiquiatria e Psicoterapia (tradução). **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 2, ago. 2019. ISSN 1981-8076. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.68486>

HENNING-GERONASSO, Martha Caroline; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Influência da Religiosidade/Espiritualidade no Contexto Psicoterapêutico. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 711-725, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000942014>

JACOB, Bobby; WHITE, Bobby; SHOGBON, Angela. First-year student pharmacists' spirituality and perceptions regarding the role of spirituality in pharmacy education. **American Journal of Pharmaceutical Education**, v. 81, n. 6, p. 1-7, 2017. doi: <https://doi.org/10.5688/ajpe816108>

- JAFARI, Simon. Religion and spirituality within counselling/clinical psychology training programmes: a systematic review. **British Journal of Guidance & Counselling**, v. 44, n. 3, p. 257-267, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/03069885.2016.1153038>
- KOENIG, Harold G. Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications. **ISRN Psychiatry**, v. 2012, p. 1-33, 2012. Retirado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3671693/>
- KOENIG, Harold G. Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: a review. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 54, 2009, n. 5, 2009, p. 283-291. doi: <https://doi.org/10.1177/070674370905400502>
- LUCCHETTI, Giancarlo et al. Medical students, spirituality and religiosity-results from the multicenter study SBAME. **BMC Medical Education**, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2013. doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-13-162>
- LUCCHETTI, Giancarlo et al. Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. **BMC Medical Education**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2012. doi: <https://doi.org/10.1186/1472-6920-12-78>
- LUCCHETTI, Giancarlo; BASSI, Rodrigo Modena; LUCCHETTI, Alessandra Lamas Granero. Taking spiritual history in clinical practice: a systematic review of instruments. **Explore: The Journal of Science and Healing**, v. 9, n. 3, p. 159-170, 2013. doi: <https://doi.org/10.1016/j.explore.2013.02.004>
- MACHADO, Fatima Regina; PIASSON, Douglas Leite; MICHEL, Renate Brigitte Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: ESPERANDIO, Mary Rute Gomes et al. (Org.). **Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras**. Curitiba: Ed. CRV, 2019. p. 41-76.
- MAFTUM, Mariluci Alves; SOUZA, Janei Rabello de; BAIS, Dulci Dirclair Huf. O cuidado de enfermagem em face do reconhecimento da crença e/ou religião do paciente: percepções de estudantes de graduação. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, v. 5, n. 3, p. 1-9, 2008. doi: <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20081525>
- MARIOTTI, Luís Gustavo Langoni et al. Spirituality and medicine: views and opinions of teachers in a Brazilian medical school. **Medical Teacher**, v. 33, n. 4, p. 338-341, 2011. Carta. doi: <https://doi.org/10.3109/0142159X.2011.568798>
- MARQUES, Luciana Fernandes et al. A Religiosidade/Espiritualidade (R/E) em profissionais/trabalhadores da saúde. **Interações Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 195-209, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1983-2478.2015v10n18p195>
- MOREIRA-ALMEIDA, Alexander et al. Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. **World Psychiatry**, v. 15, n. 1, p. 87-88, 2016. Retirado de <http://religionandpsychiatry.org/main/wpa-position-statement-on-spirituality-and-religion-in-psychiatry/>
- MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; KOENIG, Harold G.; LUCCHETTI, Giancarlo. Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical

guidelines. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 176-182, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. **Ciência & Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 2, p. 54-57, 2016. doi: <https://doi.org/10.21800/2317-66602016000100016>

NASCIMENTO, Lucila Castanheira et al. Espiritualidade e Religiosidade na Perspectiva de Enfermeiros. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 52-60, 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100007>

NOÉ, Sidnei Vilmar. Encontros e desencontros da Psicologia com a Teologia no estudo da Religião. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 154-170, 2016. Retirado de <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/2915>

NUMBERS, Ronald L. Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 6, p. 250-255, 2009. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000600006>

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300016>

PAIVA, Geraldo José de. Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 31-48, 2017. doi: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS02>

PEDRÃO, Rafael de Brito; BERESIN, Ruth. O enfermeiro frente à questão da espiritualidade. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 86-91, 2010. Retirado de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/1208-Einsteinv8n1_p86-91_port.pdf

PENHA, Ramon Moraes; SILVA, Maria Júlia Paes da. Conhecimento e percepção da importância do atendimento da dimensão espiritual pelos graduandos de enfermagem. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 238-245, 2007. Retirado de https://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/53/11_conhecimento_e_percepcao.pdf

PENHA, Ramon Moraes; SILVA, Maria Júlia Paes da. Significado de espiritualidade para a enfermagem em cuidados intensivos. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 260-268, 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200002>

PEREIRA, Karine Costa Lima. **Experiência Religiosa e Formação do Psicólogo: Vivências e Percepções do Estudante de Psicologia**. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curitiba.

PEREIRA, Karine Costa Lima; HOLANDA, Adriano Furtado. Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: ambivalências e expressões do vivido. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 385-413, 2016. doi: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.002.DS07>

PEREIRA, Karine Costa Lima; HOLANDA, Adriano Furtado. Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 221-235, 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.65373>.

PIASSON, Douglas Leite. **O Senso Religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários**. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Brasília. Retirado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2330>

REGINATO, Valdir; BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice de; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. Espiritualidade e saúde: uma experiência na graduação em medicina e enfermagem. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 237-255, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00100>

SALGADO, Ana Paula Alves; ROCHA, Ruth Mylius; CONTI, Claudio de Carvalho. O enfermeiro e a abordagem das questões religiosas. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 223-228, 2007. Retirado de <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a11.pdf>

SCHAFER, Rachel M. et al. Training and Education in Religion/Spirituality Within APA-Accredited Clinical Psychology Programs: 8 Years Later. **Journal of Religion and Health**, v. 50, n. 2, p. 232-239, 2011. doi: <https://doi.org/10.1007/s10943-009-9272-8>

TOMASSO, Cláudia de Souza; BELTRAME, Ideraldo Luiz; LUCCHETTI, Giancarlo. Conhecimentos e atitudes de docentes e alunos em enfermagem na interface espiritualidade, religiosidade e saúde. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, p. (não paginado), 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500019>

VIEIRA, Timoteo Madaleno; ZANINI, Daniela Sacramento; AMORIM, Alexandre de Paula. Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 17, n. 2, p. 141-151, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i2.26678>

VIETEN, Cassandra et al. Spiritual and religious competencies for psychologists. **Psychology of Religion and Spirituality**, v. 5, n. 3, p. 129-144, 2013. doi: <https://doi.org/10.1037/a0032699>

ZANETTI, Guilherme Cia et al. Percepção de acadêmicos de medicina e de outras áreas da Saúde e Humanas (ligadas à Saúde) sobre as relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 65-72, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20160044>